



# EDITORIAL

## Narrativa, imagem e pensamento

Walter Benjamin pergunta, num de seus célebres ensaios, se “a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal”<sup>1</sup>. Apoiado em Paul Valéry, o filósofo-ensaísta argumenta que alma, olho e mão do artista, do pensador, do criador, se inscrevem no mesmo campo. É Valéry que escreve, sobre a transfiguração do trabalho do artista:

*A observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir<sup>2</sup>.*

Pois este número de *Educação & Realidade* se entrega à arte: arte da escrita, arte do cinema, arte da literatura, arte do pensamento, arte da história, arte de si mesmo. Deixa-se embriagar pela possibilidade da criação, criação como ato afirmativo, arrebatador, impulsionador do ser. Arte como ato pedagógico. Pedagogia como criação.

Reunimos aqui artigos cujo centro é a beleza dos tantos modos de preencher faltas e operar com excessos da cultura e de nós mesmos; modos de preencher imensos vazios e de elaborar intermináveis ocupações de espaços, sentimentos, desejos, lutas. Com que propósito? Simplesmente para oferecer aos

leitores matéria que lhes permita um jeito de ruminar este mundo em que vivemos, não exatamente no sentido de replicar o que aí está, mas sugerindo a possibilidade de transfigurar o que somos e produzimos, na e através da experiência estética – a experiência de sair de si e abrir-se ao que não se é, ao que é mistério, mistério de tempo, mistério de espaço, mistério de nós mesmos, como ensina Merleau-Ponty em sua poderosa filosofia da estética<sup>3</sup>.

Hoje, mais do que nunca, a resistência ao que vinga nesta sociedade, como desmando, pobreza, desrespeito e indiferença, talvez seja mesmo a arte – aquilo que nos permite, de alguma forma, experimentar o desafio diante da inevitabilidade da morte. Mais do que isso, como escreve Gilles Deleuze, talvez se possa falar que a estreita relação entre obra de arte e resistência tenha a ver com a “afinidade fundamental entre obra de arte e um povo que ainda não existe [nela]”, pois “não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe”<sup>4</sup>. Nada a explicar. Tudo a pensar.

Para abrir este número, temos o surpreendente artigo de Anita Leandro, “Trilogia da Terra: considerações sobre a pedagogia glauberiana”, em que a autora experimenta com um grupo de espectadores a recriação da criação de Glauber Rocha. Pura estética, a mais genuína resistência, a partir da criação épico-didática do cinema de Glauber. Nilson Fernandes Dinis – em “*Perto do coração selvagem*: resistência à disciplinarização do feminino e da infância” acompanha Anita, e se vale de Clarice Lispector e desse insuperável romance, para pensar mundos adultos e mundos infantis, espaços masculinos e espaços femininos, princípio do prazer, princípio da realidade, escola, e criança para sempre colocada no futuro.

Seguem as palavras, seguem as imagens. Em “Fotografias escolares como evento na pesquisa em educação”, Gustavo Fischman e Gabriela Cruder brindam-nos com uma instigante proposta de investigação, no campo educacional, calcada na imagem fotográfica escolar como acontecimento e nas infinitas possibilidades do exercício de ver.

A seguir, mais uma vez Clarice Lispector. Desta vez, Clarice e sua patética personagem Macabéa, de *A hora da estrela*, pontuam o texto de Paulo Mattos, “Entre a história, a vida e a ficção – artes do tempo”. Aqui, não há separação entre história, história de vida e narrativas de ficção, justamente porque o que as une é a idéia das artes do tempo. Ou as artes da existência? Luciana Gruppelli Loponte, no artigo “Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para a docência”, também deseja que o debate filosófico sobre ética e estética adentre o espaço escolar, e escreve um texto pontuado de indagações sobre a possibilidade de pensar uma docência que seja, de fato, para valer mesmo, uma docência artista.

Simone Moschen Rickes, por sua vez, oferece-nos uma discussão teórica da maior pertinência, a partir da teoria psicanalítica (basicamente Freud e Lacan) e da obra de Piaget, sobre “O sujeito do conhecimento a partir do seu lugar de

efeito”. A autora defende que o sujeito e o objeto a conhecer implicam um movimento permanente e complexo entre posições ora de domínio, ora de efeito (do e sobre o sujeito); ou seja, o sistema cognitivo seria algo que se abre e fecha, incessantemente. Trata-se de processos instituídos e instituintes, para além de totalizações: alargamento de fronteiras no âmbito das construções psíquicas e cognitivas do sujeito. Tudo a ver com a arte da existência foucaultiana e nitzscheana, de que nos fala Luciana Loponte? A pensar.

Encerrando os artigos deste volume, a presença de nosso fiel colaborador, também colega do Conselho Editorial, professor Jorge Larrosa. Em “O ensaio e a escritura acadêmica”, ele problematiza a escrita acadêmica, suas políticas de linguagem e pergunta, a partir de Theodor Adorno, se é possível ensaiar em educação; ou seja, se é possível “habitar o espaço educativo como ensaísta”. Por que não?

“Criação e invenção” é o título da resenha elaborada por Margareth Schäffer, a respeito do livro *Gramáticas da criação*, de George Steiner. O texto do autor é denso; a resenha, idem. Um presente para os leitores de *Educação & Realidade*, convidados a adentrar um debate mais do que necessário, nestes tempos de volúpia de ocupação de todos os espaços, sem reserva nem ar para a criação. A seguir, Mariano Palamidessi nos apresenta o livro de Carlos Skliar, *Pedagogia (improvável) da diferença*: e se o outro não estivesse aí?, obra em que somos a cada página sacudidos pelo texto pessoal, do narrador e sua experiência mais do que viva, do erudito e do professor inquieto, indagador da radical diferença.

Para uma editora, para toda a equipe desta revista, não poderia haver satisfação maior do que esta: oferecer arte e pensamento a quem faz e pensa a educação. Um brinde!

Rosa Maria Bueno Fischer  
Editora

#### Notas

1. BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, p. 221.
2. VALÉRY, Paul, *apud* BENJAMIN, Walter. Op. Cit., p. 220.
3. Ver, a propósito, CHAUÍ, Marilena. *Experiência do pensamento*. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
4. DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Caderno Mais! *Folha de S.Paulo*, 27/06/1999, p. 5.